

Entre o norte e o sul: duas *experiências de migração em Tempo* *de migrar para o norte, de Tayeb* *Salih*

Elisandra de Sousa Pedro⁴⁷

Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

Em *Tempo de migrar para o norte* (1966), Tayeb Salih apresenta a narrativa sobre dois destinos selados pela migração, decorrente da colonização inglesa no Sudão: a do narrador do romance – não nomeado – e a de Mustafa Said. Experiências de migração díspares e com consequências trágicas, tanto do ponto de vista da análise das personagens citadas, quanto para o entendimento do processo colonizador, que deixou cicatrizes profundas e devastadoras na colônia. O recorte escolhido, para esta análise, trata da exploração das experiências de migração, narradas pelos dois personagens, tendo como base, a ideia da *metonímia da presença*, apresentada por Homi K. Bhabha, na obra *O local da cultura* (1998), que faz refletir sobre o colonialismo inglês – nessa análise, por conta do recorte estabelecido pela obra, o colonialismo no Sudão, que se apresenta, não apenas, no que se refere à economia e exploração, mas também, e principalmente no que se refere à educação –, e suas consequências.

Palavras-chave

Migração. Colonialismo. Pós-colonialismo. Literatura árabe.

⁴⁷ Bacharel e Licenciada, em Letras/Português/Alemão, pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH- USP). Mestre, em Língua e Literatura Alemã, pela FFLCH-USP. Doutora, em Língua e Literatura Alemã, pela FFLCH-USP.

Introdução

“Educamos as pessoas para abrir suas mentes e liberar suas energias aprisionadas, mas não podemos prever o resultado: a liberdade. Libertamos as mentes das superstições. Damos ao povo as chaves do futuro para que eles ajam como quiser.”

(Tayeb Salih, 2004, p. 148)

Página |
160

Tempo de migrar para o norte, de Tayeb Salih, lançado em 1966, é considerado pela crítica como uma das principais obras da literatura árabe do século XX. É um romance que apresenta para seu leitor muitas linhas interpretativas, dentre elas a colonização inglesa no Sudão e suas consequências, as relações conflitantes entre a cultura ocidental, considerada moderna, e a cultura da colônia, considerada tradicional e em alguns aspectos extremamente conservadora – principalmente no que se refere à religião e ao papel da mulher nessa sociedade local sudanesa –, passando pelo poder que a educação pode ter na vida daqueles que saem da colônia, até as feridas ainda abertas pela colonização.

Em *Tempo de migrar para o norte*, o leitor é envolvido pela estrutura narrativa construída de forma intrigante e fragmentada pelo narrador, não nomeado no texto, e pela atmosfera de sensações e perfumes montada estrategicamente pela personagem Mustafa Said. O texto submete o leitor a um olhar crítico sobre a migração e o intercâmbio entre África e Inglaterra, por meio de duas experiências de migração e retorno, a saber, a do narrador e da personagem principal do romance, Mustafa Said, sobre pontos de vista e vivências díspares entre si, em um mundo que se divide entre o norte e o sul, a Inglaterra e uma pequena aldeia às margens do Nilo, provavelmente Mirisáb, o colonizador e o colonizado. Essa tensão entre o norte e o sul, estabelecida desde o primeiro parágrafo do romance, quando o narrador retorna a sua terra natal depois de sete anos na Inglaterra, começa a se desdobrar diante do leitor na forma de uma narrativa tensa, como “a corda do arco esticada preparada para lançar sua flecha” (SALIH, 2004, p. 30).

A estrutura criada pelo narrador, que conta sua história em primeira pessoa, faz aquele que lê o texto participante de sua busca obsessiva por respostas a respeito do enigma que representa a personagem Mustafa Said, que chama sua atenção quando volta a sua aldeia, como doutor em literatura inglesa e detentor de um cargo público no governo. Logo, ele percebe em Mustafa características diferentes das apresentadas pelos moradores do local, um refinamento nos gestos e modos do homem que remetem a mais alta educação e não à rusticidade do campo. O leitor descobre junto com o narrador quem é Mustafa Said, suas origens, como a do próprio

narrador, um menino, morador de uma aldeia às margens do Nilo, que tem a oportunidade de migrar e ter uma educação europeia. A partir daí, somos apresentados a um destino brilhante e ao mesmo tempo trágico de Mustafa: um jovem prodígio, que se torna um intelectual promissor, ao mesmo tempo um sedutor de mulheres, levando suas presas ao suicídio, até encontrar aquela, que se tornou sua obsessão e o levou a praticar um homicídio, colocando fim a sua trajetória no Ocidente.

A fim de tentar ser imparcial em seu relato, e, talvez, fazer com que o leitor de certa forma se coloque em sua posição, para a análise dos fatos, em vários momentos da narrativa, o narrador dá a palavra a personagens que a compõem como o próprio Mustafa Said, para que conte sua história, e a outras pessoas que encontra ao longo de seu relato e que conhece em alguma medida Said. Essa estratégia não é utilizada de forma linear ou cronológica e dificulta a solução do intrincado quebra-cabeça a respeito dessa personagem, tornando fragmentada a apreensão do todo complexo que é Mustafa Said.

O leitor, interpelado diretamente diversas vezes ao longo da narrativa, é obrigado a amarrar os fragmentos dispersos e separar o que é discurso de Mustafa e o que é discurso do narrador. A falta de linearidade se torna complicada também pela alternância que o narrador faz dos tempos da narrativa, o que em alguns momentos faz parecer que se compartilha do presente da enunciação e, em outros, percebe-se o distanciamento dos fatos ocorridos no passado, ou projeções feitas em relação a um futuro possível.

Sempre à procura da próxima peça, seguimos a narrativa até o final e em um primeiro momento parecemos sem respostas para esse quebra-cabeça. Quem é Mustafa Said? Qual o objetivo do narrador com a montagem dessa estrutura? Qual o objetivo dos vários discursos apresentados ao longo da narrativa? Além de outros questionamentos suscitados, para os quais talvez não obtenhamos uma resposta imediata. Talvez muitas questões apareçam por termos nos deixado levar, pela torrente da narrativa, em momentos poética e em outros, extremamente violenta, ou por nos envolvermos pela atmosfera exótica e erótica criada por Mustafa.

O centro dessa exposição será a análise das duas personagens principais do romance, focalizando o discurso do narrador e o de Mustafa, além da representação da experiência do colonialismo inglês na África e suas consequências, tendo como principais objetos as vivências das duas personagens, tomando como base a ideia da *metonímia da presença*, apresentada por Homi K. Bhabha, em seu texto “Da mímica e do homem. A ambivalência do discurso colonial” extraído da obra *O local da cultura* (1998).

1 Entre o norte e o sul

Para montarmos o retrato de cada personagem, iniciaremos por suas trajetórias, que, à primeira vista, são similares. Nasceram em aldeias às margens do Nilo, estudaram conforme os ensinamentos da colônia e migraram para o norte, Inglaterra, em busca de novas perspectivas e, em determinado momento, retornam ao sul, a terra natal. As semelhanças terminam aqui. A partir disso, o que temos são dois destinos possíveis para aqueles que migram para o norte. É importante perceber que não se trata apenas de uma história sobre a migração de cada um e quais as consequências dela para a vida das personagens. É possível afirmar que a narrativa focaliza também as consequências dessa migração para o destino da aldeia à qual retornam e como o discurso colonialista se faz presente nas duas trajetórias.

O espaço da narrativa centra-se em uma pequena aldeia sudanesa de colonização inglesa, possivelmente, entre as décadas de 1950 e 1960, localizada às margens do rio Nilo, e nela poderemos observar as marcas dessa colonização. Compõe também o espaço narrativo a Inglaterra, devido às digressões de Mustafa Said ao contar a história de sua vida e como forma de contrapor o colonizador e o colonizado. No que se refere ao tempo da narrativa, podemos supor que os fatos narrados entre o relato de Mustafa e o do narrador cobrem um período aproximado de cinquenta anos.

Ao longo do texto, há sempre o contraste entre o sul e o norte, que é intensificado pelas descrições dos costumes da aldeia, em relação à cultura ocidental. De um lado, temos a Inglaterra, representando o mundo moderno e dinâmico do norte; de outro, temos o universo estático da aldeia, que parece ter parado no tempo, e que é personificado pelo avô do narrador, tendo como satélites, os moradores da aldeia, que evidenciam, para o narrador e para o leitor, o conservadorismo de costumes e de crenças, que aumentam o contraste entre o norte e o sul e que o colonialismo não conseguiu apagar. Ao mesmo tempo, que o narrador quer marcar, que essas posições de contraste parecem bastante definidas e opostas, conforme a narrativa avança e na torrente das emoções que se misturam, as posições se desestabilizam principalmente no que se refere aos estereótipos construídos a respeito do colonizado, no caso aquele que saiu de seu lugar de origem, para aprender com aquele que o domina, como forma de ser teoricamente assimilado pela cultura dominante e que, veremos, fará movimento totalmente oposto, desestabilizando a estrutura preestabelecida.

Dentre todos os aspectos, que poderiam ter sido escolhidos, para nortear à narrativa e abordar às consequências do domínio colonial no país, foi enfatizado o aspecto da educação, do conhecimento, que pontuará de forma decisiva a vida dos dois personagens do romance.

Além disso, a escolha desse discurso promoverá à crítica aos métodos coloniais e pós-coloniais adotados no país. O discurso do conhecimento, focalizado na educação, pode ser encarado como a forma utilizada pelo colonizador para “salvar” o colonizado de sua ignorância, provincianismo ou de uma consciência que esse pensava ter, mas que para o colonizador seria algo sem valor comparado com o que é oferecido por ele.

Essa ideia pode ser ilustrada com uma imagem presente na narrativa de Mustafa Said: ao se lembrar de como teve a chance de poder estudar em uma escola, já que em sua aldeia não havia uma, Mustafa recorda-se da imagem de um homem a cavalo, que oferece o conhecimento, que o povo da aldeia não tem e que fará com que o futuro dele fosse próspero e civilizado. “Quando crescer e sair da escola e se tornar um funcionário do governo, usará um chapéu como esse” (SALIH, 2004, p. 23), disse o homem ao pequeno Mustafa. Discurso que, visto como “o grande mal do exército da ocupação” (SALIH, 2004, p.22), segundo os colonizados, será reforçado na narrativa de Mustafa Said.

A intenção de oferecer ao colonizado o que ele não tem segundo Homi K. Bhabha (1998), é uma das estratégias mais ardilosas do discurso colonial, pois o que ele denomina como mímica, o “desejo do outro reformado, reconhecível como sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente” (BHABHA, 1998, p. 130), seria o discurso da inclusão – nesse caso, conseguida com o acesso à educação. Uma inclusão ilusória que estabelece seus limites de abrangência. Segundo Bhabha:

A mímica emerge como representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa. A mímica é, assim, o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria” do outro ao visualizar o poder. A mímica também é o signo do inapropriado, porém uma diferença ou recalitrância que ordena a função estratégica dominante do poder colonial, intensifica a vigilância e coloca uma ameaça imanente tanto para os saberes “normalizados” quanto para os poderes disciplinares. (BHABHA, 1998, p.130).

Quando o colonizador oferece a educação, não seria com o intuito de possibilitar ao colonizado uma ferramenta para a reflexão crítica a respeito de sua condição, mas como forma de dominação, sem permitir que aquilo se volte contra ele. É uma maneira de mostrar até onde o colonizado pode chegar com o que lhe é oferecido pelo colonizador a seu serviço. É o que ocorre na aldeia onde se passa a ação do livro. Sem opções para o desenvolvimento intelectual, um morador pode, no máximo, ter um posto de funcionário público. Essa situação é contrastante com o discurso de Mustafa Said sobre a educação apresentada na epígrafe. A maior consequência a ser evitada, nesse caso, é a liberdade.

Essa liberdade seria o momento em que o colonizado subverte o objetivo do colonizador, ao tomar as rédeas de seu destino e subvertê-lo. Nessa narrativa, Mustafa Said personifica essa liberdade levada às últimas consequências. Ele reflete o legado do colonialismo – não por coincidência, o ano de nascimento da personagem, 1898, é o mesmo ano em que o Sudão é declarado como colônia inglesa –, apresentando-se como produto da colonização, ao se apropriar da cultura ocidental e até, em certa medida, de seu espírito.

O debate sobre conhecimento e educação traz como centro à discussão sobre a literatura, sempre citada ao longo da narrativa, que é um dos pontos de tensão entre os dois personagens. O papel do conhecimento, da possibilidade de ascensão e de positividade atribuída a ela está presente no discurso do narrador. A forma como esse debate se desenvolverá, terá consequências e visões distintas, para cada um dos personagens. O narrador é sempre questionado sobre sua opção por estudar literatura, quando poderia ter estudado uma ciência, que ajudaria de forma imediata sua aldeia: “Aqui nós não precisamos de poesia. Se tivesse estudado agronomia, engenharia ou medicina, teria sido melhor.” (SALIH, 2004, p. 12). A ele, mais de uma vez ao longo da narrativa, é atribuído à imaginação sem limites, referência às “asas da imaginação”, que é a característica atribuída aos poetas. É tão importante a perspectiva da literatura, que o narrador diferencia sua vida e a de Mustafa com base em gêneros literários. O seu seria a comédia e o de Mustafa, que teria transformado sua vida numa grande obra literária, seria a tragédia, na qual desempenharia o papel principal e articularia o destino dos demais, arrastando o destino de toda uma aldeia à tragédia. Não é aleatória a comparação de Mustafa Said a Otelo, personagem da tragédia de Shakespeare, em muitos momentos da narração.

2 Os mímicos

Diante do que foi apresentado, podemos traçar os dois perfis dos personagens centrais: o narrador e Mustafa Said.

A narrativa se inicia com a volta do narrador a sua aldeia, que se saberá, não possui escolas, nem hospitais, ostentando o título de doutor em literatura, o que o faz, em sua concepção, um homem importante para a sua gente, pois nele era projetado o símbolo da modernidade, uma vez que, almejava cargos no governo e migrou para o norte com esse objetivo. Essa trajetória corresponde ao que Bhabha coloca como estratégia ardilosa dos colonizadores, que produzem um mímico, educado pela “escola inglesa [...] para formar um corpo de tradutores e ser empregado em diferentes setores de Trabalho” (BHABHA, 1998, p. 132), citando às palavras de um educador missionário, de 1919. Oferta que foi feita também a

Mustafa, quando de seu primeiro encontro com um inglês, como já comentado. Essa estratégia ardilosa pode ser tomada como uma forma de transformar o local e colocá-lo a serviço do colonizador, sem que este esteja presente na colônia, como se oferecesse a oportunidade de “liberdade” a tal povo. No entanto, o colonizador apenas substitui sua presença por elites locais, que agem conforme seus princípios, regulando assim, a disciplina da colônia e se apropriando, criando mecanismos de dependência em relação ao colonizador que pode chegar a oferecer uma falsa independência, observada ao longo da narrativa, tanto no discurso do colonizador, quanto no do colonizado.

O narrador reforça, ao longo da narrativa, que a posição de mímico, que coube a ele, nunca foi sua escolha pessoal. Podemos atribuir a esse fator, sua perspectiva, que poderíamos chamar de ingênua, em relação ao discurso colonialista. Ao se questionar se tudo o que ocorreu na aldeia, sua estagnação no tempo e a tragédia que se anuncia e se concretiza na personagem de Mustafa, seria culpa da vinda dos ingleses para sua terra. Percebemos ao longo da narrativa, que, inicialmente, o narrador não se enxergava como um mímico do discurso colonial, o que para Bhabha: “o desejo de emergir como autêntico através da mímica – através de um processo de escrita e repetição – é a ironia extrema da representação parcial.” (BHABHA, 1998, p. 133).

O narrador, a certa altura, afirma que um dia o domínio terminaria e os ingleses iriam embora, deixando sua língua, obras, e tudo voltaria a ser como era. Ele não consegue avaliar quais as consequências advindas da colonização, até sua busca pelo entendimento de quem é Mustafa Said. Em outros momentos do romance, chega a promover uma comparação entre os europeus e o povo de sua aldeia, afirmando que seriam iguais, respondendo às perguntas feitas pelas pessoas da comunidade, quando, na verdade, há a diferença, imposta pelo colonizador, como um processo de recusa. Esquece-se de que esse processo, produziu pessoas como ele e Mustafa Said e, contraditoriamente, admite, quando reflete sobre um possível fim do domínio inglês: “Seremos de novo como éramos, pessoas comuns; podemos até ser mentiras, mas seremos mentiras fabricadas por nós mesmos” (SALIH, 2004, p. 49). Mas, na verdade, não seriam fabricados pelos colonialistas? Coloca-se como igual aos moradores de sua aldeia, contradizendo o discurso apresentado, desde o início do romance, de ser um elemento diferente da maneira estática em que vivia o povo da aldeia. Não percebe, que ele participa do jogo do colonizador, para permanecer presente na colônia, que é a elite mantenedora do discurso colonialista. Essa contradição se materializa em sua função como funcionário do ministério da educação: participa da discussão de projetos pedagógicos que sequer podem ser implantados em sua aldeia, pelo fato de nela não existirem escolas.

No outro extremo, temos Mustafa Said. Foi-lhe oferecido pelo colonizador a oportunidade da educação e ele escolhe segui-la. Agarrou-se a esse propósito como sua única possibilidade. Segundo o próprio Mustafa, essa foi sua primeira escolha, ao contrário do que ocorreu com o narrador, que nunca havia feito escolhas. Conseguiu tudo o que queria com a educação oferecida pelos colonizadores, até se tornar “um homem nobre cuja mente foi capaz de assimilar a civilização ocidental” (SALIH, 2004, p. 34). Tornou-se um brilhante economista de prestígio, alcançando o magistério, de forma precoce, em uma universidade da Inglaterra, reconhecimento acadêmico entre seus pares que, em muitos momentos, o caracterizam como “o inglês negro”, ou era exibido como um objeto pelos aristocratas dos anos 1920 e 1930, como forma de atestarem o quanto eram liberais, como se dissessem: “Esse homem africano é como a gente” (SALIH, 2004, p. 57). Mas não se contentou em apenas ser uma mímica educada pela escola inglesa e voltar a sua terra, como ocorreu com o narrador. Aí está o ponto de tensão entre as trajetórias e a diferença na relação dos dois com o discurso colonialista.

Edward W. Said, em *Orientalismo* (2007), apresenta leitura de Arthur James Balfour, primeiro ministro inglês no período de 1902 a 1905, sobre a postura do colonizador, no exemplo da influência da Inglaterra sobre o Egito. Para Balfour, segundo Said:

Ter esse conhecimento de tal objeto [o colonizado] é dominá-lo, ter autoridade sobre ele. E a autoridade nesse ponto significa que “nós” [os ingleses] devemos negar autonomia a “ele” [o colonizado, no caso, o Egito] porque o conhecemos e ele existe, num certo sentido, *assim como* o conhecemos”. (SAID, 2007, p. 63, grifo do autor).

Essa postura reafirma o ponto de vista, apresentado por Mustafa ao longo da narrativa, o de que o colonizador, por mais que apresente como possibilidade de ascensão por meio da educação como forma de torná-lo um “igual”, apenas age com o objetivo de negar a autonomia do colonizado, por meio de seu projeto de dominação, pois eles seriam uma “raça subjugada, dominada por uma raça que os conhece e sabe o que é bom para eles mais e melhor do que poderiam possivelmente saber eles próprios.” (SAID, 2007, p. 66) Assim, Mustafa se coloca como o ponto fora desse projeto, desestabilizando a dinâmica do colonizador em relação ao colonizado.

Mustafa se apresenta como a ameaça à estratégia desenvolvida pelo colonizador, por meio da mímica, que desestabiliza a autoridade do discurso colonialista utilizando-se dele, percebendo suas falhas, oferecendo a eles o que esperam de um colonizado. Ele se coloca como o acadêmico prodígio, o economista liberal, e ao mesmo tempo um sedutor de mulheres, que se encantam pelo estereótipo do africano exótico e são arrastadas para a tragédia, que é intrínseca a Mustafa, levando-as ao suicídio. Tanto que na ocasião de seu julgamento, no qual é condenado

como responsável pelo suicídio de várias mulheres inglesas e pelo homicídio de sua esposa, em determinado momento, ele se denomina como colonizador, como intruso, que estava sendo julgado. Ele une a presença parcial do colonizador e o que este projeta do que seria o colonizado e seus estereótipos, articulando a diferença cultural e histórica que ameaça a autoridade colonial. É o rompimento desse discurso, quando a mímica passa de semelhança à ameaça. Enquanto o colonizado está dentro do esquema da escola inglesa, como o que ocorre com o narrador, há a servidão e não a ameaça ao esquema exposto. Bhabha aborda esse processo, ao tratar do que seriam os “maus exemplos” de imitação colonial. Logo:

[...] excesso ou o deslizamento produzido pela *ambivalência* da mímica (quase o mesmo, *mas não exatamente*) não apenas “rompe” o discurso, mas se transforma em uma incerteza que fixa o sujeito colonial como uma presença “parcial”. [...] É como se a própria emergência do colonial dependesse para sua representação de alguma limitação ou proibição estratégica *dentro* do próprio discurso autorizado. O sucesso da apropriação cultural depende de uma proliferação de objetos inapropriados que garantem seu fracasso estratégico, de tal modo que a mímica passa a ser simultaneamente semelhança e ameaça. (BHABHA, 1998, p. 131).

Quando o colonizado foge à regra, como o que ocorreu com Mustafa, e “ameaça a demanda narcísica da autoridade colonial” (BHABHA, 1998, p. 134), há o risco ao equilíbrio do sistema, que antes o acolheu como um dos seus, em um discurso falso da inclusão, mantendo a diferença, que era conhecida, mas ocultada, até que essa diferença se sobrepusesse, ameaçando o sistema, fazendo com que o discurso polido dos chamados liberais fosse desmascarado, mostrando que, mesmo se adaptando às várias máscaras, nunca seria um deles, ao contrário do que acreditava o narrador, ao afirmar que os europeus seriam iguais a ele.

Mustafa não foi somente um filho inglês, ele se fez intelectualmente como eles e foi à representação da visão, que os colonizadores têm dos orientais. A integração entre o real e o fictício por meio de suas máscaras e a interpretação da tragédia. Essa postura do colonizador e sua real visão sobre o colonizado são analisadas por Edward W. Said, em *Orientalismo*. Em sua análise, observa que, para o colonizador:

o oriental é sempre o culpado. O crime era o oriental ser oriental, e um sinal acurado de como essa tautologia era comumente aceitável consiste no fato de que podia ser escrita sem nenhum apelo à lógica ou à simetria mental do europeu. [...] O oriental é irracional, depravado, infantil, “diferente”; o europeu é racional, virtuoso, maduro, “normal”. [...] Na linguagem de Balfour [primeiro ministro inglês] o oriental é algo que se julga (como num tribunal), algo que se estuda e descreve (como num currículo), algo que se disciplina (como numa escola ou prisão), algo que se ilustra (como num manual de zoologia). (SAID, 2007, p. 72-73).

Observamos, assim, que Mustafa tinha a visão real de como era visto e falsamente aceito por aqueles que se denominavam como seus pares, enquanto lhes era conveniente. Mustafa é a representação do que Homi Bhabha denomina como *metonímia da presença*, que seria o objetivo estratégico da mímica colonial. Seria produção *não-repressiva* de crença múltipla e contraditória:

Na mímica, a apresentação da identidade e do sentido é rearticulada ao longo do eixo da metonímia. Como lembra Lacan, a mímica é, como a camuflagem, não uma harmonização ou repressão da diferença, mas uma forma de semelhança que difere da presença e a defende, expondo-a em parte metonimicamente. Sua ameaça, eu acrescentaria, vem da prodigiosa e estratégica produção de efeitos de identidade conflituosos, fantásticos e discriminatórios, num jogo de um poder que é ilusivo porque não esconde nenhuma essência nenhum “si próprio”. (BHABHA, 1998, p. 135-136).

Interessante notar, a partir das observações de Bhabha, que o próprio Mustafa e os ingleses com quem ele convivia, quando de sua vivência na Inglaterra, o denominam ao longo da narrativa como o “inglês negro”. Uma representação anômala do colonizado, múltiplo, mas sem nenhuma essência, nenhum si próprio, como, muitas vezes, Mustafa insiste em se caracterizar, como um ser vazio, que apenas troca de máscaras, como forma de adaptação às suas escolhas, o que o torna uma ameaça, pois “a ameaça vem da produção de efeitos de identidade conflituosa, fantástica e discriminatória num jogo de poder que é elusivo porque não esconde nenhuma essência, nenhum si próprio” (BHABHA, 1998, p. 136). Como lidar com esse ser que não possui um si próprio? Esse é o ponto de tensão que torna a personagem Mustafa Said uma incógnita para o narrador e para os leitores.

Mustafa pode ser considerado uma incógnita devido a sua natureza. Não se trata de um homem provido de sentimentos, pois, desde o início de sua narrativa, se descreve como um homem que é vazio e se adapta a diversos conteúdos, utilizando diversas máscaras de sua coleção, herdadas de sua mãe, o que explicaria seu trânsito tanto na alta sociedade intelectual inglesa, quanto na mais simples aldeia do Sudão, sem que ninguém o questionasse sobre seu passado. Insiste ao longo de sua narrativa que sua vida era uma mentira, como se cada personagem que encarnava, para conquistar suas presas, em sua busca pelo prazer, mostrasse sua incapacidade de ser Mustafa Said. Por conta disso, classifica-se como uma mentira. Podemos inferir que, inclusive, sua carreira acadêmica e até sua migração para a aldeia, depois de sete anos de prisão, são personagens que foram representados em um grande espetáculo trágico. Personagem bem interpretado, pois consegue ludibriar o narrador, que descarta a hipótese de o forasteiro ser um assassino, pois para ele “a violência deixava marcas indeléveis

no rosto” (SALIH, 2004, p.19). O que acaba por mostrar, que não considerava o colonialismo uma das formas mais violentas criadas pelo homem. Eram apenas papéis em uma grande tragédia, na qual todos foram atingidos, pelo germe do mal que Mustafa Said dizia carregar.

O poder de adaptação e transformação é atribuído ao longo da narrativa a sua capacidade racional, sua inteligência que abriu portas não só no âmbito intelectual – por meio do qual é inserido no campo acadêmico e social dos ingleses e aceito pelos liberais –, como no campo sentimental – no qual adota vários personagens, sempre deixando em evidência carregada, quase caricatural, sua origem, utilizando apenas o estereótipo do que o europeu imagina que seja o colonizado para realizar suas conquistas sexuais. Esse ponto em que Mustafa não esconde sua essência oriental é a que ele explora, como arma para fazer suas presas e disseminar a desgraça, que percorre todo o romance, como um germe do mal atribuído à colonização que infectou, segundo ele, há mais de mil anos o continente, trazendo a violência:

A primeira vez que os navios rasgaram as águas do Nilo, vieram carregados de canhões, não de pão, e as ferrovias foram construídas, na verdade para transportar tropas. Ergueram escolas para nos ensinar a dizer ‘sim’ em sua língua. Trouxeram-nos o maior germe da violência Europeia que o mundo nunca testemunhou igual, nem em Somme, nem em Verdum. O germe de um mal mortal que os infectou há mais de mil anos. (SALIH, 2004, p. 89).

Temos então, duas percepções do processo colonialista e duas formas de mímica do colonizador, aquele que procurou se harmonizar à condição, sem amá-lo ou odiá-lo, e aquele que se camuflou ao longo do romance, promovendo uma ruptura no discurso do colonizador. Mas haveria somente esses dois caminhos para o colonizado? Além deles, há ainda o caminho do que fica na aldeia, que no romance é apresentado na personagem de Mahjub, que é contrastante com os dois já apresentados, que teve as mesmas oportunidades para migrar, mas resolveu permanecer na aldeia e participar da história com outros atos, tornando-se líder da comunidade, para promover ações ao alcance de suas possibilidades, e acaba mostrando, por exemplo, a seu amigo que migrou, que conseguiu se tornar um alto funcionário público, que a necessidade não estava em gestos grandiosos, mas em coisas simples, como já havia sido pontuado por Mustafa Said ao longo da narrativa.

Mahjub tem a noção de que a situação da aldeia mudaria apenas quando um como ele tomasse o poder, o que seria impossível diante da engrenagem montada há anos pelo sistema colonialista e mantido pelas elites locais. Ele, de forma bastante didática e combativa, mostra para seu amigo, o narrador, que antes de pensar em uma unificação do ensino, como pensa o alto escalão do governo, que não sabe da realidade da totalidade da região, seria necessária a construção de escolas. Antes mesmo dessa colocação, há várias outras que giram em torno do

mesmo princípio, apresentadas por Mustafa Said, que considera o avô do narrador como símbolo dessa simplicidade ou resistência utópica. Mas seria esta simplicidade algo tão perfeito? Não seria também um projeto falido?

Nos momentos em que são descritos os costumes da aldeia, percebe-se a intenção do contraste entre a tradição e o moderno, que mostra a fragilidade dessa resistência, quando ocorre a tragédia de Hosna – viúva de Mustafa – e Wad-Irrays, consequência da atitude de fazer cumprir a tradição da aldeia, de que uma mulher deve satisfazer o desejo de um homem, inclusive cansando-se contra sua vontade, o que faz com que o símbolo dessa resistência, o avô, também seja abatido com a desgraça. A falência da tradição se dá, de forma indireta, pela modernização, já que o germe devastador presente em Mustafa Said, continua a fazer vítimas.

3 Conclusão

O que se pode supor é que não é possível haver um caminho totalmente perfeito, ou que se possa celebrar uma das possibilidades. Como se o germe que estava inoculado em Mustafa Said, uma gota apenas, já houvesse contaminado a todos. O narrador se coloca observando dois extremos, questionando-se se seria uma farsa como Mustafa, mas chega à conclusão de que havia convivido com o colonizador sem amá-lo ou odiá-lo, apenas como um mímico da escola inglesa. Ao mesmo tempo, também está diante da tradição, na qual, ao final, não acha mais lugar para si, contradizendo o que havia afirmado, que fazia parte daquele local, o que o diferenciaria de Mustafa Said. Por nunca ter feito escolhas, tem que chegar ao limite, para saber ou não quem é.

Talvez o objetivo de Mustafa Said fosse mostrar ao narrador as consequências da colonização, que seria a história de sua vida, ironicamente um livro encontrado em branco, apenas com a dedicatória significativa: “Àqueles que enxergam com um olho só e falam uma única língua. Àqueles que vêem as coisas pretas ou brancas, orientais ou ocidentais (SALIH, 2004, p. 137), cabendo ao narrador, completá-la ou não.

Ao final do romance, quando o narrador se vê diante da escolha entre a vida e a morte, escolhe pela vida. Utiliza-se dessa escolha como forma de se contrapor diametralmente a Mustafa Said, que opta pela segunda. A narrativa construída indica algumas transformações do ponto de vista desse narrador sobre muitas questões essenciais, como o colonialismo e suas consequências, a tradição *versus* o moderno, seu lugar enquanto mímico de um sistema, possibilitando sua primeira escolha significativa, após um longo processo de busca obsessiva, a respeito de uma personagem e sua trajetória entrelaçada ao processo colonial e suas

consequências devastadoras. Independentemente desse processo descrito pelo narrador, o que reverbera da obra é a violência perpetuada pelo processo colonizador na África, que permanece como um germe que deixa marcas indeléveis.

Referências

BHABHA, Romi K. “Da mímica e do homem. A ambivalência do discurso colonial”. **O local da cultura**. Tradução Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALIH, Tayeb. **Tempo de migrar para o norte**. Tradução Safa Abou-Chahla Jubran. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

SHAKESPEARE, William. **Otelo**. Tradução Laurence Flores Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BETWEEN NORTH AND SOUTH. TWO MIGRATIONAL EXPERIENCES IN SEASON OF MIGRATING TO THE NORTH BY TAYEB SALIH

Abstract

In *Season of Migrating to the North* (1966), Tayeb Salih presents the narrative of two destinies connected to one another by the migrational movement resulting from the British colonization in Sudan: Mustafa Said's destiny and the romance narrator's destiny, who is not named. These are very opposed migrational experiences with tragic outcomes, not just from a standpoint of the characters' analysis, but also for understanding the colonization process that caused deep and devastating scars in the colony. The selected cutout for this analysis is based on exploring the migrational experiences narrated by both characters, focusing on the metonymy of presence, presented by Homi K. Bhabha, which leads us to reflect about the British colonialism – in this analysis specifically the colonialism in Sudan, considering the cutout established here – and its consequences.

Keywords

Migration. Colonialism. Post-colonialism. Arabic literature.

Recebido em: 12/11/2019
Aprovado em: 07/01/2020